



JORNALISMO POLICIAL: a espetacularização da notícia¹

Domário ALVES de Souza²

Mikele SANTOS da Silva³

Maria Regina de Almeida LIMA⁴

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN.

RESUMO

No jornalismo policial há diversos recursos para espetacularização da notícia sendo o sensacionalismo o mais utilizado visando causar sensação e prender atenção do telespectador. Analisamos o programa “patrulha da cidade” exibido pela TV Ponta Negra em Natal/RN filiada ao SBT. Para norteamos a pesquisa iniciou-se pelas fases do desenvolvimento da televisão brasileira por (MATTOS, 2009), e para nos auxiliarmos nos conceitos de sensacionalismo, espetacularização da notícia (AMARAL, 2005), (MARTINS, 2009), (ROMÃO, 2014). Compreendemos que o que atrai nesse noticiário é o outro, o ser humano, apesar de haver tanta violência é nosso semelhante. E a mídia nos possibilita essa proximidade com os fatos que não fazem parte do nosso contexto social, experiência midiática.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo policial; patrulha da cidade; sensacionalismo; espetacularização da notícia.

INTRODUÇÃO

O jornalismo policial é uma especialização do jornalismo que aborda fatos criminosos, judiciais, saúde, segurança pública entre outros.

O presente artigo visa a explanação da espetacularização da notícia no telejornalismo policial mostrando o recurso mais utilizado, o sensacionalismo, que contribuiu para os altos índices de audiência. O programa “patrulha da cidade” foi escolhido devido sua audiência e por ser um telejornal local cujo principal objetivo é evidenciar a violência na capital e nas demais cidades do estado.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de junho de 2015.

² Estudante de Graduação 6º. Semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em rádio e TV pela UERN campus Mossoró, e-mail: domarioalves@hotmail.com.

³ Estudante de Graduação 6º. Semestre do Curso Comunicação Social com habilitação em rádio e TV pela UERN campus Mossoró e-mail: mikele_1@yahoo.com.br.

⁴ Estudante de Graduação 4º. Semestre do Curso Pedagogia pela UERN campus Mossoró e-mail: reginaalmeida.lima@hotmail.com



O apresentador critica tudo e todos assim considere necessário, expondo sua opinião sem pensar nas consequências, ele ainda faz exigências as autoridades responsáveis tanto pela saúde quanto pela segurança da população.

Quanto à classificação a pesquisa apresenta uma natureza, cuja área de conhecimento está situada nas ciências sociais, a forma de abordagem do problema é qualitativa tendo indicadores sociais. Nossos objetivos são impelir uma reflexão sobre a espetacularização da notícia e o que leva as pessoas a assistirem esse tipo de programa em meio ao horário do almoço, do descanso. Sendo uma pesquisa descritiva, os procedimentos técnicos utilizados foram à pesquisa bibliográfica junto à análise de uma determinada edição do programa “patrulha na cidade”.

Para melhor compreensão terá uma breve explanação das fases do desenvolvimento da televisão brasileira seguida pela espetacularização da notícia e o recurso mais utilizado pelos apresentadores do jornalismo policial, o sensacionalismo. Seguido pela experiência mediada e a análise sobre o programa “patrulha da Cidade”.

1. FASES DO DESENVOLVIMENTO DA TELEVISÃO BRASILEIRA

Segundo Mattos (2009) apresenta que a origem e o desenvolvimento histórico da televisão brasileira são estruturados em seis fases, visando obter um perfil global de sua evolução.

1.1 A fase elitista (1950-1964), quando o televisor era considerado um artigo de luxo ao qual apenas a elite tinha acesso; sendo caracterizada por uma fase de muito improviso e recursos. As primeiras imagens da televisão brasileira foram transmitidas no dia 18 de setembro de 1950, em São Paulo, pela TV Tupi, canal 3, que se constitui na primeira estação de televisão da América do Sul.

1.2 A fase populista (1964-1975), quando a televisão era considerada um exemplo de modernidade e programas de auditório e de baixo nível tomavam grande parte da programação.

A influência política mais poderosa sobre o desenvolvimento da televisão brasileira teve lugar em 1964, o golpe de 1964 afetou diretamente aos meios de comunicação de massa porque o sistema político e a situação socioeconômica do país foram totalmente



modificados pela definição e adoção de um modelo econômico para o desenvolvimento nacional. (MATTOS, 2009, p. 82)

A queda de importância da TV Excelsior (1964-1970) coincidiu com o auge da TV Globo, que se beneficiou diretamente do golpe de 1964. Nesta segunda fase de seu desenvolvimento, a televisão consolidou o gênero da telenovela, começou a centralização das produções e assumiu o perfil de veículo de audiência nacional capaz de atrair uma grande parcela do bolo publicitário, “a televisão tinha pouco noticiário porque na competição com o rádio ela perdia em relação à instantaneidade”. (MATTOS, 2009, p. 84)

1.3 A fase do desenvolvimento tecnológico (1975-1985), quando as redes de TV se aperfeiçoaram e começaram a produzir, com maior intensidade e profissionalismo, os seus próprios programas com estímulo de órgãos oficiais, visando, inclusive, a exportação;

Ministério das comunicações, no dia 19 de novembro de 1974, Quandt de Oliveira falou sobre o material “enlatado”. 57% da programação da televisão é importado e 43% é produzido por técnicas brasileiras. Destes 43%, 34% é de matéria estrangeira, editadas pelas emissoras brasileiras. Isto significa que, para 109 horas de uma semana de programação, apenas 31% são genuinamente brasileira; As outras 78% são importadas. (MATTOS, 2009, p. 90)

1.4 A fase da transição e da expansão internacional (1985-1990), durante a Nova República, quando se intensificam as exportações de programas;

1.5 A fase da globalização e da TV paga (1990-2000), quando o país busca a modernidade a qualquer custo e a televisão se adapta aos novos rumos da redemocratização;

1.6 A fase da convergência e da qualidade digital, que começa no ano 2000, com a tecnologia, apontando para uma interatividade cada vez maior dos veículos de comunicação, principalmente a televisão, com a internet e outras tecnologias da informação.

2. ESPETACULARIZAÇÃO DA NOTÍCIA

O enfoque do jornalismo policial é a violência que adentra em nossas residências pela manhã, na hora do almoço e ao anoitecer pela televisão. Nosso questionamento, por



que há um índice tão grande para esse tipo de jornalismo? O que chama a atenção dos cidadãos a degustar uma refeição vendo tanta desgraça? O patrulha da cidade vem sendo um referencial dessas dúvidas.

Inicialmente o que nos atrai nesse noticiário é o outro, o ser humano, que por mais que suas atitudes não sejam coerentes com a lei nos chama atenção, afinal é semelhante. Tendo em vista que o programa local nos acerca da realidade das cidades do Rio Grande do Norte, a probabilidade de ver uma pessoa ou bairro próximo ao do telespectador é bem maior.

O estranhamento - como duplo e, dessa forma como parte da identidade – parece ser outro ponto forte na conexão do sujeito ao espetáculo e, por consequência, a mídia televisiva. Tudo leva a crer que é importante ver se na tela, mas, parece óbvio também que é relevante ver nela o estranho, o outro, o reflexo de si pelo avesso. cf. (MARTINS apud DUARTE e CASTRO, 2006, p. 130)

Sem dúvida esse programa como qualquer outro agrega uma formação opinativa as pessoas, gerando absorção e/ou espanto com as matérias apresentadas, contudo os horários dos programas tende a se concentrar estrategicamente para pessoas que trabalham e tem o horário de almoço, as donas de casa que também acompanham o telejornal etc.

Os altos índices de audiência conquistados pelas várias versões de programas do gênero espalhadas pela grade horária da televisão brasileira não deixam dúvidas da sua importância na formação da opinião pública sobre o assunto. Esses programas, inclusive, em razão de seu grande apelo, são muitas vezes colocados em horários estratégicos para alavancagem da audiência. (ROMÃO, 2013, p. 13)

Se observarmos com calma e acompanhar os fundamentos nos conhecimentos da semiótica entenderemos o quanto os signos do espetáculo está presente na televisão. A repetição de planos, enquadramentos, cortes, posturas, gestos, expressões faciais e estruturas de roteiro é bastante usual.

O apresentador fala olhando para câmera, com o intuito de manter contato com o telespectador. Já o repórter narrando intensifica a notícia dando sua contribuição para construção de sentidos, sendo que o entrevistado mira seu olhar para o repórter e responde os questionamentos. A edição de imagens são constantes visando o melhor enquadramento estas são seguidas pela narração em off.



Conforme Martins (apud DUARTE e CASTRO) nos apresenta um conjunto de corpos estereotipados que a seguir são descritos a partir de uma leitura possível que está presente nos mais variados programas, principalmente nos telejornais.

O “corpo de força” trabalham diretamente com a aplicação de força física. Esse corpo é retratado quase sempre em planos abertos e apresentados, na maioria das vezes, em atividade; o “corpo da morte” constituir-se-ia na ausência de um corpo físico e no seu lugar, cruzeiros e túmulos; o “corpo escondido”, as reportagens-denúncias por vezes, trabalham com a não visibilidade ou a visibilidade parcial do corpo, nas matérias que buscam depoimentos e declarações sem mostrar o autor. Até a voz do depoente pode sofrer alterações eletrônicas visando a segurança dele; O “corpo político” que busca visibilidade, usuários de terno e gravata – dando preferência ao blazer escuro e a camisa clara – habitualmente a barba bem feita, ao cabelo bem penteado e com bom corte.

3. CAUSAR SENSAÇÃO

O jornalismo está cada dia mais presente na vida dos cidadãos, seja através do rádio, televisão, internet ou outros meios de comunicação. A informação tornou-se uma ferramenta crucial, dos vários ramos este artigo terá o foco no jornalismo policial que tem se destacado nos canais abertos e locais como o programa “patrulha da cidade” pela TV Ponta Negra afiliada ao SBT, em Natal/RN.

Algumas décadas anteriores o jornalismo policial adquiriu uma característica híbrida de jornalismo com dramaturgia abordando questões populares como saúde, segurança, justiça entre outros temas.

Muitos estudos apontam o programa aqui agora, consagrou o estilo do repórter Gil Gomes, como um dos principais precursores do gênero⁵. Até então, esse tipo de abordagem tinha uma participação restrita dentro de alguns programas ou jornais e aqui agora veio definitivamente garantir no meio televisivo o espaço do jornalismo-verdade. (BORGES 2002, p. 55 apud ROMÃO 2013, p. 35)

Acredita-se que o recurso mais utilizado pelos apresentadores deste gênero é o sensacionalismo, de acordo com sua semântica tem o caráter ou qualidade sensacional, na divulgação da notícia exageradas ou que cause sensação. Ficou muito relacionada ao

⁵ Essa genealogia do jornalismo policial poderia nos levar também ao programa O Homem do Sapato Branco, criado em 1966 e apresentado por Jacinto Figueira Júnior. Este foi um dos primeiros programas a apresentar problemas populares de forma sensacionalista na televisão brasileira.



jornalismo que privilegiava a superexposição da violência por intermédio da cobertura policial e da publicação de fotos chocantes, de distorções, de mentiras, e da utilização de uma linguagem composta por gírias e palavrões.

Devemos considerar as intervenções extremamente opinativas dos apresentadores desse programa policial que emite seu juízo de valor diante da notícia independente do direcionamento seja político, social ou questão de saúde e também faz cobranças das autoridades perante o descaso de algumas situações evidenciadas pelos cidadãos. Para Angrimani Sobrinho (1995 apud AMARAL 2005), o sensacionalismo é “tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento.” O autora vem confirmar que às vezes faz-se necessário concentrar a atenção alterando o tom de voz e abordagem vindo reafirmar a característica híbrida citada anteriormente.

4. MEDIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Com o advento da tecnologia, a mídia tem evoluído significativamente, a tal ponto de termos as mais diversas experiências espaciais e temporais, que as gerações passadas tinham pouco ou quase nenhum acesso.

Segundo Thompson (1998) nos expõem que “a ‘experiência mediada’ é a experiência adquirida através da interação ou quase interação mediada”. O autor examina essa experiência da quase interação em quatro aspectos, que divergem da experiência vivida de cada pessoa e a mediada que através da mídia como o rádio, televisão, internet entre outros. No entanto abordaremos brevemente e manteremos o foco no quarto aspecto, que conversa diretamente com o objeto da nossa pesquisa.

O primeiro aspecto é experimentar eventos que estão distantes espacialmente (e talvez temporalmente) em sua grande maioria não afetarão diretamente a vida dos indivíduos. Podemos citar as reportagens que são realizadas em outro país mostrando outras culturas e estilos de vida.

O segundo é a experiência contextualizada que acontece num contexto diferente onde ocorreu o evento. Observamos isso constantemente nas matérias de violência doméstica, assassinatos etc, que não está no local do crime, todavia é noticiado.



O terceiro aspecto é relevância estrutural que para experiência vivida é contínuo imediatos e, até certo ponto inevitáveis, formando assim determinado ambiente para o acontecimento. Já experiência mediada não possui um fluxo contínuo, tendo vários graus de relevância. Como cada ser pode ter suas experiências constantes e algumas inevitáveis como um acidente de trânsito, aprovação no vestibular, um convite para formatura etc. E a mediada é descontínua por apresentar certo grau de interesse dos telespectadores para manter a audiência.

O quarto, mas não menos importante é a “não espacialização comunal” havendo duas experiências a vivida e a mediada. A experiência vivida tem em comum por está ligada ao local compartilhado e a sobreposição das trajetórias de vida no cotidiano das pessoas.

Nesse caso é mais fácil para o telejornalismo local exibir acontecimentos em que os telespectadores estão inseridos, pois a probabilidade de ver alguém conhecido ou até seu bairro é bem maior, talvez se identificando com a situação mesmo que parcial. A experiência mediada por sua vez podem levar os indivíduos a terem experiências similares sem compartilhar os mesmos contextos de vida. Um exemplo nítido disso seria a classe média acompanhando a história da violência na periferia da capital ou a insegurança dos motoristas de ônibus etc.

5. “PATRULHA DA CIDADE”

5.1 O PROGRAMA

O “patrulha da cidade” é um programa de cunho popular que aborda o jornalismo policial com enfoque na violência. O cenário é bem simples, começamos pelas paredes uma de cor clara semelhante à madeira, a outra cinza com um grande quadro com a logomarca do programa, contendo cores quentes e frias, que nos chama muita atenção para o desenho de prédios ao fundo coberto de sangue, e o nome do programa com uma fonte bem destacada em maiúsculo tendo cores vivas, no “patrulha” o vermelho representando um sinal alerta, sangue, morte nos remetendo a violência que devemos está patrulhando nosso dia a dia, contrastando com uma cor mais calma na parte “da cidade” num azul claro manchado parcialmente de preto, nortando que nossa



cidade não está tão segura como antes sendo esta, uma cor que transmite tranquilidade mesmo estando em um ambiente conturbado.

Se observamos o direcionamento das letras do nome do programa perceberemos que elas iniciam do lado esquerdo para o direito em sentido crescente, levando-nos a entender que a violência começa a margem esquerda da sociedade e a partir dela tende a aumentar, sendo a margem direita que terá o maior impacto dessa violência.

5.2 O APRESENTADOR

Cyro Robson utiliza recursos sensacionalistas sendo extremamente opinativo mediante as matérias apresentadas, o mesmo não se considera jornalista (com razão, pois não tem diploma), ele durante o programa se autopromove como cantor divulgando sua agenda de show.

Ele é denominado de papinha, sempre com sua colher dourada na mão, acompanhado seu famoso bordão: “que colocar papinha na boca do neguinho”, tornando-se sua marca registrada no “patrulha da cidade”. Há também outras frases constantemente pronunciadas no decorrer do programa como “entre polícia e ladrão, sou polícia até o fim”, “Vagabundo é para tá preso mesmo”. O papinha segurando sua colher dourada aponta com seu dedo indicador para a câmera quando chama a matéria indicando que o telespectador deve prestar atenção no que será transmitido, o mesmo é enquadrado pela câmera durante alguns segundos.

O apresentador foge dos padrões estéticos tendo pele escura, se fomos averiguar os outros das diversas emissoras notaremos que são pessoas de pele clara ou branca. Ele aparece sempre bem vestido de terno escuro mesclando com uma camisa branca e gravata. Seguindo a tendência dos programas do telejornalismo policial, Cyro Robson apresenta-se com postura ereta sempre com as mãos posta a altura do abdome. Quando as matérias são polêmicas ele faz gestos firmes demonstrando autoridade, passeia pelo estúdio demonstrando dinamismo, fala com o olhar firme na lente na tentativa de passar segurança nos seus comentários.



5.3 A ANÁLISE

Com base na análise do programa “patrulha da cidade” exibido em 18 de dezembro de 2014, através da TV Ponta Negra afiliada ao SBT localizada em Natal - Rio Grande do Norte, tendo aproximadamente uma hora e vinte minutos de duração contendo notícias da capital e demais cidades do estado. O Início do telejornal é apresentado três matérias como destaque da edição, ao invés do apresentador começar com as notícias, ele divulga o resultado do IBOPE que demonstra que o “patrulha da cidade” é líder em audiência pela sexta vez consecutiva ao longo período de três anos desde que Cyro Robson está no comando do programa. Ao som da música tema do SBT, feliz, o papinha dança desajeitadamente, após isso ele parabeniza sua equipe e o telespectador julgando-se merecedor devido sua dedicação e esforço da equipe.

Seu vocabulário predomina a linguagem coloquial e gírias visando facilitar a compreensão dos mais variados públicos. Ao término de cada reportagem o apresentador expõe sua opinião a ponto de sensibilizar o telespectador. Ele defende com veemência o cidadão de bem e trabalhador, porém condena a pessoa que pratica delitos perante a lei. Exemplo nítido disso é o caso da mulher que foi esfaqueada pelo conjugê (com o qual estava separado) dentro de um ônibus, Cyro Robson altera o tom da voz esboça sua indignação pelo agressor e ainda deseja que ele seja preso e morra no presídio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma a televisão desde sua criação teve várias adaptações buscando audiência, com o propósito de não ser lançada ao esquecimento, recentemente os programas policiais, vieram para “inovar o jornalismo”, com acontecimentos que visa prender a atenção do público. Essa categoria do jornalismo pretende alcançar o telespectador local com fatos sobre a capital e demais regiões.

Em seu início contava com apresentadores como Gil Gomes que tinha uma postura séria utilizando de palavras e gestos bem fortes, estilo que marcou e o consagrou na televisão brasileira.

Entretanto, como a população vive em uma constante mudança de hábito, esse noticioso teve que inserir alguns recursos, sendo o sensacionalismo uma das estratégias



mais utilizadas, mostrando o fato como algo catastrófico pode prender o público pela emoção.

O programa policial deixou de ser um jornalismo informativo para torna-se um local, onde há espetacularização da notícia, não é exagero nenhum, como descrito no decorrer deste artigo podemos notar isso, sendo ele estilo a ser seguido pelos telejornais policiais de cunho popular na TV aberta.

A violência está sendo líder em audiência nesses programas, compreendemos também que algumas matérias ganham destaque quando o apresentador tece seu comentário e juízo de valor sobre determinados casos que foram exibidos, os telespectadores veem na pessoa dele, um porta voz da população levando em consideração que ele está na televisão e que as autoridades vão escutá-lo de alguma maneira.

Diariamente escutamos várias reclamações sobre segurança pública das cidades, o quanto as pessoas vivem com medo e são essas mesmas pessoas que acompanham o jornalismo policial que não ousam mudar de canal, que querem ver o desfecho dos assassinatos, que querem ver nesse apresentador um pouco de esperança e que esta tamanha violência vai uma hora ou outra diminuir. No entanto não há uma reflexão dessas notícias, apenas uma reprodução delas e a permissão da entrada da violência em nossas casas evidenciando como algo comum do cotidiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Márcia Franz. Sensacionalismo, um conceito errante. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 13, p. 1-13, julho/dezembro 2005.

MARTINS, Nísia. Informação na tevê: a estética do espetáculo In: DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de. (Orgs) Televisão, entre o mercado e a academia. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006. p.125-138

MATTOS, Sérgio Augusto Soares. História da televisão brasileira – Uma visão econômica, social e política. Petrópolis: Editora Vozes, 4. ed., 2009. p. 78-162

ROMÃO, Davi Mamblona Marques. Currículo Lattes. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/1054279020027436>> Acessado em: 16/01/2015.



ROMÃO, Davi Mamblona Marques. Jornalismo policial: indústria cultural e violência. 2013. 206 f. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

SENSACIONALISMO, In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, Disponível em: <<http://www.priberam.pt/DLPO/sensacionalismo>> Acessado em 17-01-2015.